

um  
JOGO  
do  
DESTINO

A SAGA DE HADES

SCARLETT ST. CLAIR



um  
**JOGO**  
do  
**DESTINO**

**SCARLETT ST. CLAIR**

*Tradução de  
Renata Broock*



Copyright © 2010/21 by Scarlett St. Clair

[2022]

Todos os direitos dessa edição reservados à  
EDITORA CABANA VERMELHA  
Parque Universitário - Campinas/SP

**TÍTULO ORIGINAL:**

A Game of Fate

**DIRETORA EDITORIAL:**

Elaine Cardoso

**TRADUÇÃO e PREPARAÇÃO:**

Renata Broock

**REVISÃO:**

Mari Vieira e Sara Lima

**LEITURA FINAL**

Gisele Oliveira

**PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E ADAPTAÇÃO DE CAPA:**

Elaine Cardoso

**CAPA ORIGINAL**

Giulia F. Wille

Todos os direitos reservados ©. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um sistema de recuperação, ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros), sem permissão prévia por escrito do autor e da editora.

# SUMÁRIO

1

UM JOGO DE EQUILÍBRIO

2

UM JOGO DO DESTINO

3

UM JOGO DE MODERAÇÃO

4

MALDITAS MOIRAS

5

UM CONTRATO SELADO

6

UMA ALMA POR UMA ALMA

7

MONTE OLIMPO

8

NA ILHA DE LEMNOS

9

UM JOGO DE MEDO E FÚRIA

10

JOGOS MENTAIS

11

UM JOGO PARA UM DEUS

12

UM JOGO COM UMA DEUSA

13

REDEÇÃO

14

UMA BATALHA DE FORÇA DE VONTADE

15

UM JOGO DE TRAPAÇA

16

UMA BATALHA POR CONTROLE

17

PONTO DE QUEBRA

18

AS TRÊS LUAS

19

PROJETO ANOS DOURADOS

20

UM JOGO DE PAIXÃO

21

UMA MEMÓRIA MARCADA

22

UMA BARGANHA AMARGA

23

OLÍMPIA

24

O BAILE DE ASCENSÃO

25

PARA SEU PRAZER, UMA MONTAGEM

26

O PASSEIO DE UMA VIDA

27

ENSINANDO NOVOS TRUQUES

A UM DEUS ANTIGO

28

UM PIQUENIQUE NO SUBMUNDO

29

UMA TORTURA COMO NENHUMA OUTRA

30

TRAIADOR

31

REIVINDICANDO UMA RAINHA

BÔNUS – MINTA, A HORTELÃ

BÔNUS II – COMPAIXÃO

AGRADECIMENTO

NOTA DA AUTORA

SOBRE A AUTORA

# DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a duas das mulheres mais poderosas que conheço: Leslie e Regina, minhas motivadoras, minhas mentoras, minhas irmãs de alma. Obrigada por me mostrarem meu próprio poder. Eu as amo em todas as vidas, eu as amo para sempre.

# 1

## UM JOGO DE EQUILÍBRIO

Hades se manifestou perto da Costa dos Deuses.

À luz do sol, o litoral ostentava águas azul-turquesa e praias brancas e cristalinas, tudo diante do cenário de falésias, grutas e um mosteiro feito de mármore branco e verde que podia ser acessado depois de subir trezentos degraus. Os mortais vinham aqui para nadar, velejar e mergulhar com *snorkel*. Era um oásis, até que o sol fazia sua ardente descida no céu.

Após o crepúsculo, o mal se movia na noite escura, sob um céu de estrelas e um oceano de luar. Vinha em navios e atravessava a Nova Grécia, e Hades estava aqui para neutralizá-lo.

Ele se virou, cascalho rangendo sob seus pés, caminhou na direção da Companhia Coríntia, uma pesqueira que ocupava uma grande extensão da costa. A fachada de gesso do armazém combinava perfeitamente com a arquitetura antiga que adornava a orla, parecendo desgastada, embranquecida e charmosa. Uma lâmpada preta simples destacava uma placa com o nome da empresa, escrito em uma fonte que ostentava prestígio e poder – características admiráveis quando pertenciam aos melhores da sociedade.

E perigosas quando pertenciam aos piores.

Um mortal se moveu nas sombras. Já estava lá quando Hades chegou e, sem dúvida, achava que estava bem escondido, talvez

estivesse, para outros mortais, mas Hades era um deus – dominava as sombras.

Quando Hades passou, o homem se moveu, e o deus se virou, sua mão agarrando a do mortal, que apertava uma arma entre os dedos. Ele olhou para a arma e depois para o homem, um sorriso perverso brincando nos lábios.

No segundo seguinte, estacas afiadas se estenderam das pontas dos dedos de Hades, afundando na pele do homem. A arma caiu no chão e o mortal se ajoelhou, com um grito gutural.

— Por favor, poupe-me, meu senhor — implorou o homem. — Eu não sabia.

Hades sempre achava intrigantes os momentos antes da morte de um mortal. Especialmente quando ele encontrava um mortal assim – alguém que havia matado sem pensar e ainda dessarte temia sua própria morte.

Hades apertou mais forte, e quando o homem tremeu, o deus riu.

— Sua morte não é iminente — revelou Hades, e o mortal olhou para cima. — Mas vou conversar com seu empregador.

— Meu empregador?

Hades quase gemeu. Então o mortal ia se fazer de burro.

— Sísifo de Éfira.

— E-ele não está aqui.

*Mentira.*

O conhecimento cobria sua língua feito cinza, secando sua garganta.

Hades levantou o homem pelo braço, as estacas ainda enfiadas na pele dele, até que seus olhares estivessem nivelados. Foi desse ângulo que o deus notou uma tatuagem no pulso do homem. Era um

triângulo, agora combinando com as lanças que se estendiam de seus dedos.

— Não preciso de sua ajuda para entrar naquele armazém — declarou Hades. — O que eu preciso é que seja um exemplo.

— U-um exemplo?

Hades decidiu usar ações para explicar, esculpindo duas fissuras profundas no rosto do homem. Enquanto o sangue cobria a pele, o pescoço e as roupas, o deus arrastou o homem para a entrada do armazém, abriu as portas com um chute e entrou.

O que antes da costa aparentava ser um prédio agora parecia ser um muro, porque em vez de entrar em um espaço fechado, Hades se viu em um pátio aberto para o céu escuro acima. A terra estava à mostra e havia grandes tanques com peixes. O ar cheirava a maresia, podridão e sal. Hades odiou o fedor.

Trabalhadores vestidos com macacões pretos se viraram para assistir ao deus empurrar o mortal que sangrava. O homem se debateu, mas se conteve antes de cair no chão. Em frente a Hades, outro homem se aproximou, ladeado por dois grandes guardacostas. Ele estava vestido com um terno branco, e seus dedos eram roliços e sufocados com anéis de ouro. Seu cabelo era curto e preto, sua barba grisalha bem cuidada.

— Sísifo, n-não foi minha culpa — explicou o homem cambaleando para frente. — Eu...

Sísifo sacou uma arma e atirou no homem. Ele caiu, batendo no chão com um baque alto. Hades olhou para o corpo imóvel e depois para Sísifo.

— Ele não estava errado — disse Hades.

— Eu não o matei porque ele deixou você entrar em minha propriedade. Eu o matei porque ele desrespeitou um deus.

Uma exibição como essa geralmente vinha de um súdito leal. Desses, Hades tinha poucos, e ele sabia que Sísifo não era um deles.

— Esta é a sua versão de um sacrifício?

— Depende — respondeu o homem, estalando o pescoço e entregando a arma ao guarda-costas à direita. — Você aceita?

— Não.

— Então são negócios.

Sísifo endireitou as lapelas do paletó e ajustou as abotoaduras, Hades notou a mesma tatuagem de triângulo no pulso dele.

— Vamos? — O mortal gesticulou para Hades ir na frente, em direção a um escritório no lado oposto do pátio. — Divinos primeiro.

— Eu insisto, vá na frente — recusou Hades.

Apesar de seu poder, nunca estava ansioso para virar as costas para ninguém.

Os olhos de Sísifo se estreitaram ligeiramente. O mortal deve ter visto a recusa de Hades em ir na frente como uma forma de desrespeito, sobretudo porque mostrava que Hades não confiava nele. Irônico, considerando que Sísifo havia quebrado uma das mais antigas regras de hospitalidade – a lei de Xênia – matando um concorrente depois de convidá-lo para seu território.

Era apenas uma das transgressões de Sísifo que Hades estava aqui para resolver.

— Muito bem, meu senhor. — O mortal ofereceu um sorriso frio antes de se dirigir para seu escritório, os dois guarda-costas a

reboque. A presença deles era divertida, como se os dois mortais pudessem proteger Sísifo de Hades.

Hades se viu pensando em como iria matá-los. Ele tinha várias opções – poderia invocar as sombras e deixá-las consumir os dois, ou poderia subjugá-los sozinho. Ele supôs que a única consideração real era se queria ou não sujar seu terno de sangue.

Os dois guarda-costas tomaram seus lugares, um de cada lado da porta, quando Sísifo entrou em seu escritório. Hades não olhou para eles quando passou.

O escritório de Sísifo era pequeno. A mesa era de madeira maciça e escura, e estava cheia de papéis empilhados. Havia um telefone antiquado de um lado, uma garrafa de cristal e dois copos do outro. Atrás dela, um conjunto de janelas dava para o pátio, obstruído por persianas.

Sísifo escolheu ficar atrás da mesa; um movimento estratégico, imaginou Hades. Colocou algo físico entre eles. Provavelmente também era onde ele guardava um estoque de armas. Não que armas fossem úteis contra ele, mas Hades existia há séculos e sabia que mortais desesperados tentariam qualquer coisa.

— Bourbon? — perguntou Sísifo, enquanto abria a garrafa.

— Não.

O mortal olhou para Hades por um momento antes de se servir de um copo. Tomou um gole e perguntou:

— A que devo o prazer?

Hades olhou para a porta. Dali, podia ver os tanques, apontou para eles.

— Sei que está escondendo drogas em seus tanques — disse Hades. — Também sei que usa esta empresa como uma fachada

para mover as drogas pela Nova Grécia, e que você mata qualquer um que fique no caminho.

Sísifo olhou para Hades por um momento, e então tomou um gole lento de seu copo antes de perguntar:

— Veio para tirar minha vida?

— Não.

Não era mentira. Hades não ceifava almas – Tânatos sim, mas o Deus do Submundo podia ver que a visita de Sísifo estava chegando, e em breve. A visão veio, espontaneamente, como uma memória de muito tempo atrás. Sísifo, vestido com elegância, desmaiava ao sair de uma sala de jantar sofisticada.

Nunca recuperaria a consciência.

E antes que isso acontecesse, Hades teria equilíbrio.

— Então devo supor que quer uma porcentagem?

Hades inclinou a cabeça para o lado.

— Algo assim.

Sísifo riu.

— Quem teria pensado, o Deus dos Mortos veio para barganhar.

Hades cerrou os dentes. Não gostou da implicação das palavras de Sísifo, como se o mortal pensasse que tinha uma vantagem.

— Como penitência por seus crimes, você doará metade de sua renda aos sem-teto. Você é, afinal, responsável por muitos deles.

As drogas traficadas por Sísifo tinham destruído vidas, devorando os mortais de dentro para fora com o vício e inflamando a violência nas comunidades, e embora ele não fosse o único responsável, foram seus navios que as trouxeram para o continente, seus caminhões que as transportaram em toda a Nova Grécia.

— A penitência não é atribuída na vida após a morte? —  
perguntou Sísifo.

— Considere isso um favor. Estou permitindo que comece cedo.

Sísifo passou a língua pelos dentes, depois riu baixinho.

— Sabe que nunca o descrevem como um deus justo.

— Não sou justo.

— Forçar bandidos como eu a doar para instituições de caridade é justo.

— É um equilíbrio. Um preço a pagar pelo mal que você espalhou.

Hades não acreditava em erradicar o mundo do mal, pois não acreditava que fosse possível. O que era ruim para um era a luta pela liberdade para outro – a Grande Guerra tinha sido um exemplo. Um lado lutava por seus deuses, sua religião, o outro lutava pela liberdade de um opressor. O melhor que ele podia fazer era oferecer um toque de redenção para que a sentença no Submundo pudesse eventualmente levar a Asfódelo.

— Mas você não é o Deus do Equilíbrio. Você é o Deus dos Mortos.

Não adiantaria explicar o funcionamento das Moiras, o equilíbrio que elas lutavam para criar no mundo, então permaneceu em silêncio. Sísifo tirou um estojo de metal do bolso interno do paletó e pegou um cigarro.

— Vou dizer uma coisa. — Ele levou o cigarro aos lábios e o acendeu. O cheiro de nicotina encheu a pequena loja – um cheiro químico de cinza e coisas velhas. — Vou doar um milhão e não vou mais violar a lei de Xênia.

Hades parou um momento e usou o silêncio para reprimir a onda de raiva que as palavras do mortal acenderam, suas mãos se fechando em punhos. Não muito tempo atrás, teria deixado a fúria dominá-lo, enviando o mortal para o Tártaro sem pensar duas vezes. Em vez disso, deixou a escuridão fazer o trabalho por ele. Do lado de fora do escritório de Sísifo, Hades chamou as sombras e elas deslizaram pelo exterior do prédio, escurecendo as janelas à medida que avançavam.

Ele observou enquanto Sísifo se virava, os olhos seguindo as sombras até se aproximarem dos dois guarda-costas na frente do escritório. No segundo seguinte, elas entraram em todos os orifícios de seus corpos e os guardas caíram, mortos.

Os olhos de Sísifo voltaram para os de Hades e ele sorriu.

— Pensando bem, você tem um acordo, Lorde Hades — disse Sísifo. — Duzentos e cinquenta milhões.

— Trezentos e cinquenta — retrucou Hades.

Os olhos do mortal brilharam em desafio.

— Isso é mais que metade da minha renda.

— Punição por desperdiçar meu tempo — declarou Hades. Ele começou a se virar e sair do escritório antes de fazer uma pausa. Olhou por cima do ombro para o homem. — E eu não me preocuparia com a lei de Xênia, mortal. Você não tem muito tempo de sobra.

Sísifo ficou em silêncio após as palavras de Hades. Fitas de fumaça dançaram do cigarro entre seus dedos. Depois de um momento, ele o colocou em sua bebida.

— Diga-me uma coisa — disse. — Por que negociar e equilibrar? Você tem esperança para a humanidade?

— Você não tem nenhuma? — retrucou Hades.

— Eu vivo entre os mortais, Lorde Hades. Confie em mim, se tiverem a opção de inclinar a balança para um lado ou para o outro, escolherão a escuridão. É o caminho mais ágil com o benefício mais rápido.

— E mais a perder — acrescentou Hades. — Não me eduque sobre a natureza dos mortais, Sísifo. Venho julgando sua espécie há milênios.

Hades parou do lado de fora da porta, olhando para os dois homens que estavam a seus pés. Ele não se deleitava com a ideia de devolvê-los à vida para espalhar a violência e a morte, mas sabia que as Moiras exigiriam um sacrifício – uma alma por uma alma – e era provável que elas escolhessem almas boas, puras e inocentes.

*Equilíbrio*, Hades pensou, e de repente odiou a palavra.

— Acordem — ordenou.

E quando eles inalaram, Hades desapareceu.

## 2

# UM JOGO DO DESTINO

Hades apareceu em seu escritório na Nevernight, uma de suas casas noturnas mais populares em Nova Atenas. Era quase onze horas e à meia-noite, ele costumava vagar pelo lounge do andar superior, escolhendo mortais que ansiavam por barganhar seus maiores desejos e vontades: saúde, amor e riquezas. Apenas essas eram as coisas que ele podia conceder. Não incluía pedidos como: criar vida, devolver vida ou conceder beleza – esses desejos não concederiam.

— Você está atrasado.

A voz de Minta era como um chicote, estilhaçando seus pensamentos. Ele a sentiu no momento em que entrou na sala – toda fogo e gelo – e preferia ignorá-la quando ela estava assim.

Concentrou-se em ajustar a gravata e as abotoaduras, silenciosamente aliviado por ter escolhido usar a magia das sombras para derrubar os guarda-costas de Sísifo, então não teria que ouvi-la exigindo respostas. Com a aparência restaurada, virou-se para a ninfa de cabelos flamejantes. Os lábios dela, um tom mais escuro que o cabelo, estavam franzidos em um beicinho. Ela não gostava de ser ignorada.

— Como posso estar atrasado, Minta, se não cumpro a programação de ninguém além da minha?

Minta tinha sido sua assistente desde o início, e ela passou por fases em que tentara exercer direitos sobre ele – direitos ao seu tempo, ao seu reino e ao seu corpo. A ânsia da ninfa por controle não passou despercebida por ele. Reconheceu o traço nela porque ele próprio o possuía.

— Atrasos não são atraentes, Hades, mesmo os de um deus — retrucou ela.

Um sorriso ameaçou seus lábios, mas ele permaneceu composto. Sua diversão só iria irritá-la ainda mais.

— Enquanto você estava *enrolando* — Hades estreitou os olhos quando ouviu a alfinetada —, *eu* tive que entreter seus convidados.

Ele franziu o cenho e medo subiu pelo fundo de sua garganta. — Quem está esperando por mim?

Sabia pela expressão de Minta – a forma como os olhos se estreitaram, a ligeira curva da boca – que ele não gostaria da resposta.

— Lady Afrodite.

— *Porra* — resmungou Hades.

Minta nem tentou esconder a diversão, os lábios se curvando em um sorriso sarcástico.

— Pode ser que queira se apressar — acrescentou Minta. — Quando insisti para que ela esperasse por você aqui, ela disse que havia muito para entretê-la lá embaixo.

*Fantástico. A única coisa que acontecia quando Afrodite se entretinha era guerra.*

Ele suspirou.

— Obrigado, Minta.

Claramente satisfeita com a expressão de gratidão de Hades, Minta descruzou os braços, deixando-os cair ao lado do corpo.

— Devo pedir a Ilias que lhe traga uma bebida, meu senhor?

— Sim. Na verdade, diga a ele para não deixar que meu copo fique vazio esta noite.

Hades desapareceu e apareceu no salão de sua casa noturna, onde andou silencioso e invisível. Como sempre, estava cheio de mortais e humanoides – ninfas, sátiros, quimeras, centauros, ogros e ciclopes. Alguns usavam ilusão, outros não. Alguns apenas desejavam experimentar a emoção de frequentar a casa noturna mais notória de Nova Atenas; outros olhavam ansiosamente para o salão do andar de cima, esperando que um dos funcionários de Hades oferecesse a senha da noite.

Uma senha não garantia um jogo com o Deus dos Mortos, era apenas mais uma etapa do processo. Assim que os mortais passavam pelas portas da sala, o medo se instalava e, esse medo ou os afastava, ou os deixava desesperados. Era nos desesperados que Hades estava mais interessado – aqueles que poderiam mudar se tivessem a chance.

Era um processo delicado, e envolvia muitos jogadores. Hades havia perdido seu quinhão de barganhas, e ele podia senti-las em sua pele, uma coceira sem fim, um lembrete do fracasso, mas se pudesse salvar uma vida do caminho da destruição, sentia que valia a pena.

Hades sentiu o cheiro da magia de Afrodite – sal marinho e rosas – e a encontrou sentada no colo de um homem de meia-idade. Ele tinha cabelos escuros e ralos. A testa estava oleosa e o rosto era gorducho, fundindo-se a um pescoço suado, ao redor do qual os

braços de Afrodite estavam entrelaçados, os seios pressionados contra o peito dele. Hades notou uma aliança de ouro no dedo anelar esquerdo do homem. Não precisava olhar para a alma do mortal para saber que era um desgraçado infiel.

— Por que não vamos para a minha casa, baby? — perguntou o homem enquanto as mãos exploravam o corpo da deusa, movendo-se pelas costelas e coxas. Hades se encolheu ao observar a interação.

— Ah, eu realmente gostaria de ficar um pouco mais — dizia Afrodite. — Você não quer barganhar com Hades?

O homem a apertou, enfiando os dedos no traseiro dela.

— Não quero mais. Você é tudo que eu preciso.

— É mesmo? — disse Afrodite arquejante, e se inclinou para mais perto, os lábios rosados a centímetros dos dele.

Hades teve que admitir, a Deusa do Amor era uma grande atriz. Ela escondia o ódio pelo homem e o distraía com as mãos subindo pelo peito dele. Hades sentiu a magia dela aumentar e sabia que ela estava obrigando o homem a lhe dizer a verdade quando fez a próxima pergunta.

— E o que estava faltando antes?

Hades sabia a resposta porque podia vê-la. As inseguranças do mortal ganhavam garras à medida que ele envelhecia, e elas se entrelaçavam com o narcisismo e necessidade de se sentir importante. Ele tinha o ressentimento como um filho, perto do coração, e isso envenenou o sangue dele, alimentou as mentiras e fez com que começasse a trair a esposa. Ele tinha um pouco de humanidade na culpa que estava sobre os ombros como uma gárgula maliciosa. Para adormecer a dor, ele bebia, mas a tolerância

à bebida havia crescido nos últimos anos, o que significava que ele precisava de mais para se sentir desapegado do que a vida *dele* havia se tornado.

O homem tinha uma alma quebrada, e Hades tinha a sensação de que Afrodite estava prestes a destruí-la.

— Sou inseguro. Preciso saber que ainda sou desejado por outras mulheres.

— E não é suficiente saber que é desejado por sua esposa? — Os lindos lábios de Afrodite se torceram em uma careta. Os olhos do homem se arregalaram, a mente em desacordo com o que estava saindo da boca. Hades tinha visto isso antes.

— Eu amo minha esposa — declarou — Estou apenas procurando sexo.

— Isso é tudo? — Ela piscou e então falou com uma voz velada pela escuridão e cheia de promessa. — Nesse caso, quando você voltar para sua esposa esta noite, ela não o desejará mais. Vai se encolher ao seu toque e ficar nauseada quando seus lábios tocarem os dela. Vai negá-lo, vai deixá-lo, e você nunca vai se recuperar.

Os olhos do homem se arregalaram, ele não estava mais segurando Afrodite, as mãos afastadas da pele dela como se a deusa queimasse.

Esta era Afrodite em sua verdadeira forma. O mundo mortal acreditava que ela não era nada mais que um ser sexual, que buscava entretenimento e prazer tanto de deuses quanto de mortais, mas a verdade é que podia ser uma deusa vingativa, especialmente com aqueles que traíam o amor.

Provavelmente era hora de Hades se fazer notado.

— Afrodite — cumprimentou ele, abandonando a ilusão.

A deusa se virou para encontrar seu olhar e sorriu.

— Hades — ronronou em uma voz sensual, e mesmo tendo acabado de amaldiçoar o mortal que ela ainda usava como cadeira, os olhos dele nublaram com desejo ao ouvir o som.

— Eu acho que esse mortal já teve emoção suficiente por uma noite. Por que você não o deixa escapar?

A feição de Afrodite mudou à menção do mortal, ela se virou para encará-lo antes de sair do colo dele.

— Corra, cobra.

O mortal obedeceu e vagou no meio da multidão, atordoado.

— O que foi?? — retrucou Afrodite quando olhou outra vez para Hades.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso com a maldade dela.

— Nada. Apesar de que você dificilmente tenha ajudado o homem ao tirar o único amor que ele jamais conheceu.

Ela tirou o pó das mãos.

— Ele traiu esse amor, então nunca mais o terá.

— Eu não acho que sua punição seja injusta — explicou Hades.  
— Mas tem o potencial de criar um monstro.

Ela sorriu, a expressão travessa.

— Então ele é todo seu. Monstros são seu território, Hades.

Minta se aproximou naquele momento, equilibrando uma bandeja de bebidas. Era assim que a ninfa passava a maior parte das noites na Nevernight. Servindo bebidas, flertando com mortais e imortais e coletando informações dos *clientes de elite* de Hades.

— Lady Afrodite — disse Minta, passando para a deusa uma taça de vinho rosé. — Lorde Hades.

Ela entregou um copo de uísque e se afastou, ele se virou para Afrodite, que levantou uma sobrancelha pálida.

— Pois não? — indagou ao ver a expressão inquisidora dela.

— Aquela ninfa quer *dar pra* você — declarou ela.

*Um erro que nunca mais cometerei*, pensou.

Hades não respondeu ao comentário. Em vez disso, disse:

— Você não costuma enfeitar meus salões com sua presença, Afrodite. O que posso fazer por você?

Ela tomou um gole do vinho, seus olhos cor de espuma do mar nos dele.

— Tinha a esperança de que você se interessasse por uma pequena aposta.

— Não aposto com deuses.

— Apenas um jogo, Hades — disse, inocente, e então instigou: — Está com medo?

— Um jogo sob este teto nunca é apenas um jogo.

*Nem mesmo para mim*, pensou. Sempre havia a possibilidade de perder, tendia a perder tanto quanto os mortais com quem negociava, mas aqueles pedidos ele podia atender. Não confiava no que Afrodite pediria. — Por que solicitar um jogo? O que é que você quer, Deusa?

— Por que devo querer alguma coisa? — perguntou ela. — Talvez eu esteja apenas entediada e precisando de entretenimento.

— Não há nada mais perigoso do que uma Afrodite entediada — meditou Hades.

Ela fez beicinho.

— Por favor, Hades?

Ele encontrou o olhar dela e tomou um gole de seu copo antes de responder.

— Não, Afrodite.

Ela estava atrás de mais do que entretenimento. Era a maneira como ela se portava, rígida e tensa. Algo a tinha trazido aqui, e se ele tivesse que dar um palpite, tinha a ver com o marido dela.

— Tudo bem. — Ela ergueu o queixo em desafio. — Você forçou minha mão.

Ele olhou para ela, sabendo o que diria a seguir.

— Tenho um favor em aberto com você, Hades. Desejo usá-lo.

Um favor devido entre deuses era como um pacto de sangue. Depois de invocado, não poderia ser retirado.

— Você desperdiçaria um favor em um jogo de cartas? — perguntou. Ele sabia a resposta – o que quer que tivesse trazido Afrodite aqui, valia a pena gastar um favor.

Os olhos dela brilharam.

— *Não é um desperdício.*

Ele tomou um gole de seu uísque, o que o impediu de dizer qualquer coisa de que pudesse se arrepender, e então disse entredentes:

— Um jogo, Afrodite. Não mais que isso.

Ela se iluminou como se ele tivesse dado a ela as estrelas no céu.

— Obrigada, Hades.

Ele estalou os dedos e os dois se teletransportaram para a suíte Rubi no andar de cima. Era um dos vários quartos que Hades usava para negociar com os mortais. Todas tinham nomes de pedras preciosas. Ele escolheu este intencionalmente, para provocar

Afrodite. Rubi era paixão – algo que faltava nos dias de hoje. As paredes eram vermelhas e um tecido preto cobria do chão ao teto, emoldurando fotos monocromáticas sensuais. Um baralho de cartas fechadas estava no centro de uma mesa, que estava posicionada sob uma luz fraca.

Quando Hades tomou seu assento, ofereceu o baralho a Afrodite.

— Gostaria de dar as cartas?

— Não. — Um sorriso curvou os lábios dela. — Vou deixar você manter um pouco de poder, Aidoneus.

Ele olhou feio. Não gostava desse apelido. Os mortais usavam-no por medo. Ela o usava agora para insultá-lo.

— Vinte e um, então.

— Cinco mãos — disse Afrodite. — Quem ganhar mais decide os termos.

Hades concordou e deu a primeira mão – e perdeu. Seus dedos se fecharam em sua coxa.

— O que você vê quando olha para minha alma, Hades? — perguntou Afrodite de improviso, franzindo os lábios enquanto ele dava as cartas novamente.

A pergunta não foi tão surpreendente. Era uma que ele recebia com frequência, mas não de Afrodite.

— Por que pergunta?

Quando ela encontrou seu olhar, ele viu que estava falando sério e que também temia a verdade. Estava presente nos olhos da deusa, uma sombra que cintilava na expressão dela. Ela ficou um tempo sem olhar para ele e se concentrou nas cartas.

— Mostre-me — disse, ele deu a ela outra carta antes de revelarem as mãos: Hades tinha dois ases e um doze de ouros;

Afrodite, uma mão ruim. Ela franziu a testa com a perda, mas continuou a falar enquanto Hades dava uma terceira mão.

— Só me pergunto se sou tão horrível quanto Hefesto parece pensar.

Afrodite não era horrível, mas a união com Hefesto tinha endurecido o coração dela e destruído o espírito da deusa. O que restou foi uma casca rancorosa e cínica.

Hades também tinha sido amargo, mas ao contrário de Afrodite que lidou com a raiva e solidão se divertindo com mortais e deuses, ele se isolou cada vez mais de todos e de tudo até que a única coisa que as pessoas podiam fazer era inventar histórias e contos sobre o indescritível Deus do Submundo.

— Hefesto não acha que você é horrível, Afrodite. Ele só tem medo de amá-la. — Ela ofereceu uma risada zombeteira, então Hades desafiou: — Você já disse a ele que o ama?

— Que relevância isso tem para a minha pergunta?

*Tudo*, Hades queria dizer.

— Você foi um presente para Hefesto numa época em que você ostentava seus amantes. Do ponto de vista dele, você era uma noiva relutante.

Não importava que Hades soubesse a verdade. Não importava o fato de que ele sabia que Afrodite sempre foi encantada pelo Deus do Fogo. Nos tempos antigos, nas raras ocasiões em que Hades foi ao Monte Olimpo, ele a pegou observando Hefesto, principalmente franzindo a testa porque ele a ignorava.

Mas Hades conhecia bem Hefesto. O deus era de um tipo diferente. Ele não estava ansioso para ficar sob os holofotes, muito menos para falar. Tinha prazer na solidão e inovação, e em seu

coração, ele se sentia... indigno, sobretudo devido ao seu tratamento na antiguidade. Como era um deus com apenas uma perna, ele era frequentemente – e erroneamente – zombado. Com o tempo, Hefesto se adaptou, confeccionando próteses, e agora ostentava uma feita de ouro.

— Não estou surpreso que Hefesto não esteja interessado em forçar você à monogamia.

Afrodite ficou em silêncio por um momento, concentrando-se no jogo deles, e quando eles viraram as cartas, Hades mordeu a língua – uma mão ruim. Ele tinha dado cartas demais para si mesmo.

Afrodite estava na liderança.

Por fim, ela admitiu:

— Pedi o divórcio a Zeus. Ele não vai conceder.

As sobrancelhas de Hades se ergueram.

— Hefesto sabe?

— Eu imagino que ele saiba agora.

— Se quer o amor de Hefesto, por que pedir o divórcio?

— Eu não vou ansiar por ele.

— Você está enviando mensagens confusas, Afrodite. Você quer o amor de Hefesto, mas pede o divórcio. Já tentou falar com ele?

— Você já? — retrucou ela, encarando Hades. — Ele podia muito bem ser mudo!

Hades fez uma careta. Ele tinha a sensação de que Hefesto era calado porque o temperamento dela era como um pavio curto.

— Você não respondeu à minha pergunta — disse Hades.

O deus a observou por um momento. Ele particularmente não gostava de responder perguntas sobre a alma. Muitas vezes, deuses e mortais não estavam prontos para ouvir o que ele tinha a

dizer. Afrodite não era diferente. Partes da alma dela eram um jardim, cheio de rosas, lírios e sol, sonhadora e quieta. Outras eram uma tempestade, furiosa sobre um mar revolto: furiosa e devastadora. Ela estava quebrada, dividida em dois como um espelho rachado, montada em uma linha. Um dia, ela escolheria um lado.

— Você tem uma alma linda, Afrodite. Apaixonada. Determinada. Romântica. Mas está desesperada para ser amada, e se acha detestável.

Ele falou enquanto jogavam a última mão, e quando Afrodite virou as cartas, um largo sorriso apareceu no rosto dela. O que quer que ela sentisse sobre os comentários de Hades se perdeu com a excitação.

— É hora de decidirmos os termos, Hades.

Ele fez uma careta e se recostou na cadeira, olhando. Afrodite jogou a cabeça para trás rindo.

— Alguém não gosta de perder.

Suas palavras eram como um atizador em seu lado. Hades não se importava de perder. Perdia o tempo todo quando negociava com mortais, mas não queria perder para Afrodite.

A deusa pressionou um dedo no queixo e murmurou, como se não soubesse o que pedir a ele. Ela estava desperdiçando seu tempo. Sabia o que queria, mas quando ele estava prestes a reclamar, ela falou:

— Apaixone-se, Hades. Melhor ainda: encontre uma garota que se apaixone por você. — Então Afrodite bateu palmas e exclamou: — É isso! Faça alguém se apaixonar por você!

A mandíbula de Hades se apertou, Afrodite encarou como se desejasse ver sua alma. Os termos dela eram insultantes. Se fosse tão fácil se apaixonar, ele não estaria sozinho agora.

— Essa é a sua ideia de piada? — perguntou, sua voz baixa e calma, apesar da raiva torcendo suas entranhas. Teria que torturar alguém apenas para liberar a tensão em seu corpo.

— Não é uma piada — disse, levantando uma sobrancelha loira fina. — Você ofereceu conselhos de amor. Siga-os.

Não é uma piada, então, mas uma retribuição. Ela estava frustrada com ele por oferecer sua opinião sobre o casamento dela.

— E se não conseguir atender a esses termos?

O sorriso da deusa cortou o rosto dela perversamente.

— Então você vai libertar Basil do Submundo.

— Seu amante? — Hades não conseguiu esconder o nojo de sua voz. Eles tinham acabado de passar os últimos minutos discutindo o amor dela por Hefesto, e aqui estava ela pedindo por um homem – o herói dela, para ser exato. Basil lutou e morreu por ela na Grande Guerra. — Por quê? Você não quer que Hefesto admita que a ama?

Ela o encarou.

— Hefesto é uma causa perdida.

— Você nem tentou!

— *Basil*, Hades. É *ele* quem eu quero.

— Por que você se imagina apaixonada por ele?

— O que você sabe sobre o amor? Você nunca amou em toda a sua vida.

Essas palavras não o machucaram, mas o envergonharam. Ele se inclinou para a deusa.

— Basil ama você, é verdade, mas se você não o ama, não faz sentido.

— Melhor amor unilateral do que amor nenhum.

*Você é tola*, Hades queria dizer. Em vez disso, respondeu:

— Tem certeza de que é isso que quer? Você já pediu o divórcio a Zeus, agora me pediu para ressuscitar seu amante, caso eu não consiga cumprir os termos de seu contrato. Hefesto saberá.

Afrodite estava quieta, e ele reconheceu a incerteza dela no jeito que ela brincou com o lábio.

Finalmente, ela respondeu:

— Sim. É isso que eu quero. — Ela respirou fundo e sorriu. — Seis meses, Hades. Isso deve ser tempo suficiente. Obrigada pelo entretenimento. Foi... revigorante.

Com isso, a Deusa do Amor desapareceu.

### 3

## UM JOGO DE MODERAÇÃO

*Faça alguém se apaixonar por você.*

As palavras eram uma provocação cruel que ecoava na mente de Hades enquanto ele rondava a escuridão de sua casa noturna para clarear a cabeça.

Talvez ele tenha ido longe demais ao criticar a escolha de Afrodite de pedir o divórcio a Zeus, mas Hades sabia que a deusa amava Hefesto e, em vez de admitir, ela pensou em forçar o Deus do Fogo a expressar seus sentimentos incitando-o. O que Afrodite não conseguiu entender é que nem todo mundo pensava como ela, muito menos Hefesto. Se ela queria conquistar o amor dele, seria por meio de paciência, gentileza e atenção.

Isso significava que ela teria que ser vulnerável, algo que Afrodite, deusa e guerreira, desprezava.

E se ele entendia alguma coisa, era isso. O desafio de Afrodite o forçou a reconhecer suas próprias vulnerabilidades, suas *fraquezas*. Ele franziu o cenho com a ideia de encontrar alguém que quisesse carregar sua vergonha, seus pecados, sua malícia, mas se falhasse, as Moiras se envolveriam, e ele sabia o que exigiriam se devolvesse Basil à Terra dos vivos.

*Uma alma por outra.*

Alguém teria que morrer e ele não poderia opinar sobre a vítima das Moiras.

O pensamento fez seu corpo apertar, outro fio adicionado aos outros esticando sua pele. Ele odiava isso, mas era o preço para manter o equilíbrio no mundo.

Um cheiro o tirou de seus pensamentos e o fez parar. Era familiar – flores silvestres, tanto amargas quanto doces.

*Deméter*, ele pensou.

O nome da Deusa da Colheita era amargo em sua língua. Mas não poderia ser – Deméter tinha poucas paixões na vida, e uma delas era o ódio dela pelo Deus dos Mortos.

Ele inalou outra vez, sentindo o cheiro mais profundamente. Algo estava errado. Misturado com o cheiro familiar estava a doçura da baunilha e uma leve nota de lavanda. Um mortal, talvez? Alguém com o favor da deusa?

O cheiro o tirou da escuridão em que ele havia permanecido até a beirada da sacada, onde ele esquadrinhou a multidão e a encontrou de imediato.

A mulher que cheirava a baunilha, lavanda e sua inimiga estava sentada na beira de um de seus sofás em um vestido rosa que deixava pouco para a imaginação. Gostou da forma como o cabelo dela se enrolava, caindo em ondas luminosas pelas costas. Seus dedos coçaram para tocá-lo, puxá-lo até que a cabeça dela inclinasse para trás e ela o olhasse nos olhos.

*Olhe para mim*, ordenou, desesperado para ver o rosto dela.

Ela parecia olhar para todos os lugares antes de seu olhar parar nele. Sua mão apertou o copo, a outra agarrou o corrimão da sacada.

Ela era linda – lábios exuberantes, maçãs do rosto salientes e olhos verdes como a primavera. A expressão dela estava assustada

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um jogo do destino"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).